

IMPrensa — Rádio — Televisão

GRANDEZA E RESPONSABILIDADE DA COMUNICAÇÃO COLETIVA

Em julho de 1965 realizou-se no Rio de Janeiro o IV Seminário Regional sobre Ensino de Jornalismo e Meios de Comunicação Coletiva. Encontrar o justo equilíbrio entre liberdade de expressão e responsabilidade de informação é problema vital para qualquer regime que se pretende democrático. Rompido o equilíbrio, a liberdade tende a degenerar em licença e a responsabilidade a se apertar em mordação. Na preocupação oportuna de colaborar para esclarecer o problema e na impossibilidade de aproveitar toda a riqueza do material acumulado, SÍNTESE apresenta este artigo, simples compilação de algumas das melhores contribuições dos ilustres especialistas que participaram do Seminário.

I — HISTÓRIA DO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO *

NÃO há dúvida de que estamos atravessando tempos de desafio, mais do que em qualquer outra época da história da civilização, desde que para o homem raiou a aurora da palavra que lhe permitiu estabelecer as primeiras comunicações com os seus semelhantes. Ao gesto, até então único meio utilizado pelo homem primitivo, juntou-se a palavra falada, plantando, assim, as sementes das civilizações que se segui-

* De autoria do Sr. SAINT-CLAIR LOPES, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, diretor da Rádio Nacional e representante da Associação Brasileira de Rádio e Televisão.

riam até encontrar-nos, nesta segunda metade do século XX, numa atitude de perplexidade, tal a rapidez com que se sucedem os acontecimentos científicos, as conquistas do homem aceitando os desafios, dominando-os e vencendo-os. Jamais a convivência social adquiriu aspectos tão impressionantemente generalizados do que nos dias em que vivemos, graças ao desenvolvimento extraordinário, incrivelmente extraordinário, dos meios de comunicação social.

A história da luta do homem pela conquista da eficiência dos meios de comunicação é longa e emocionante. A cada momento nos detemos com lembranças imorredouras de desafios aceitos e vencidos. De vitória em vitória chegou-se à palavra escrita. A princípio, como conjectura WILL DURANTE, talvez como um subproduto da cerâmica através dos sinais que identificavam uma espécie de marca da fábrica nas panelas de barro. Com a palavra escrita inaugurou-se nôvo e decisivo ciclo histórico. A palavra escrita começou, então, a escrever a história e a aprisioná-la para a posteridade, lançando timidamente as sementes, os alicerces do jornalismo. Foram seis mil anos de civilização que se sucederam, revelados de maneira emocionante pela arqueologia através das mensagens que ficaram nas inscrições das cavernas, nas obras arquiteturais, nas inscrições dos monumentos, dos murais, das paredes dos edifícios e nas tabuletas de argila ou de pedra.

Apoiado no trinômio — gesto, palavra, escrita — o homem tinha à sua disposição os mais poderosos instrumentos de transmissão de idéias e estava em condições de, já agora, desafiar o próprio tempo, vencê-lo e aprisioná-lo, ofertando-o a posteridade. Com êsses poderosos recursos instituiu o jornalismo, porque a verdade é que, até onde chega nossa penetração na antigüidade, lá encontramos — em pedra, pau, metal, barro, concha, fibra, pele e papel — o jornal, isto é, a informação rudimentar de alguns acontecimentos contemporâneos conservados pelos símbolos, fôssem mnemônicos, fixando valores arbitrários supletivos da memória, como as conchas variegadas dos iroqueses e as cordas de nós coloridos dos peruanos; fôssem pictográficos, reproduzindo objetos e figurando idéias, tais como os hieró-

glifos e os sinais assírios, persas e aztecas; fôsem, enfim, fonéticos, traduzindo vozes nas letras dos alfabetos, como nos ensina CARLOS RIZZINI em sua obra *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*, logo no início do capítulo que dedicou a uma "breve história geral da informação". ANTONIO OLINTO, em um dos seus *Dois Ensaios*, focalizando "Jornalismo e Literatura", nos dá a medida dêsse jornalismo dizendo que, "no tempo em que não havia jornais, os cronistas de uma época, de um fato, faziam jornalismo, isto é, registravam o que, num determinado tempo e lugar, agitava o espírito da comunidade. O ato de fixar uma realidade já é jornalismo. Os pontos de diferença entre uma obra histórica particular, o relato de ficção e o jornalismo dos tempos modernos são frágeis e acidentais".

Quaisquer que fôsem o jornalismo do passado e os meios de execução revelam, sem sombra de dúvida, que o homem tão logo aprendeu a comunicar-se teve a preocupação não só com o acontecimento como, em grande medida, com a idéia de aprisioná-lo para o futuro, transmitindo-o às gerações que se sucederiam. Era o meio de que se valiam os homens do passado para estabelecer comunicações com os do futuro. Durante milhares e milhares de anos, a palavra falada e as inscrições foram as únicas formas de informação jornalística de que dispunha a humanidade. Em nossa época o jornalismo oral não somente continua, por intermédio da radiodifusão sonora, do telégrafo e da fita magnética, como assumiu tal importância, com a televisão, que sua técnica reclama reflexões profundas e estudos especiais.

A comunicação com a massa foi uma constante na vida do homem. Em milhares de anos, com êsse objetivo, não descansou um só instante. A cada vitória, nôvo desafio se apresentava para ser aceito e vencido. E assim foi acontecendo, até que, em 1450, teve a sensação da mais completa e absoluta vitória no que se refere ao estabelecimento da comunicação com a massa: o prelo de GUTTENBERG. Pretendeu-se, com êle, ter conquistado a universalização da comunicação, da informação, do conhecimento! Era, afinal, o sonho milenar que se realizava diante do mundo assombrado. E tão assombrado que até a ordem política foi abalada.

Os regimes aturdiram-se, acautelando-se contra o nôvo perigo que se apresentava de forma tão gritante. Sim, havia um grave perigo a conjurar. Seria possível que o pensamento passasse a ser incontrolável e acessível a qualquer um? Era preciso impedir que as idéias se propagassem sem fronteiras porque isto seria o ensejo para a criação de líderes, que poriam em risco os princípios de legitimidade existentes. Tudo isto, não obstante, ocorria numa época em que possuir vinte livros numa biblioteca era um privilégio, sòmente acessível aos ricos. . . Já em 1487 o Papa INOCÊNCIO VIII, preocupado, estabeleceu o contrôle da imprensa; em 1501, ALEXANDRE VI decidiu que todos os livros que versassem matéria de fé deveriam submeter-se prèviamente à licença eclesiástica. A revolucionária invenção de GUTTENBERG transformava-se, assim, em arma de dois gumes, provocando o estabelecimento de normas severas que iam do simples contrôle à condenação à morte dos que publicassem qualquer obra sem autorização do Estado.

No momento em que o livro impresso circulou, acreditou-se que a informação tinha adquirido a ambicionada universalidade e que nenhum outro meio de comunicação poderia superá-lo. Era impossível imaginar o que poderia acontecer quase quinhentos anos mais tarde, isto é, quando o grande ANDRÉ MARIA AMPÈRE descobriu os princípios da telegrafia elétrica e formulou a lei fundamental da electrodinâmica, e o inglês MICHAEL FARADAY as correntes de indução, lançando ambos os fundamentos da mais assombrosa descoberta do crepúsculo do século XIX e da aurora do século XX, que ensejou à humanidade obter a ampliação do conceito de universalidade, unindo-o ao da instantaneidade impressionante da informação, graças ao estupendo milagre das ondas hertzianas.

Ao afirmar-se a radiodifusão em sua grandeza, já grande parte do mundo estava interligada por linhas telegráficas e cabos submarinos.

Quando HERTZ, em 1888, descobriu as estradas aéreas sentiu, desde logo, as enormes dificuldades a transpor, de vez que os mais antigos serviços de comunicações estavam sendo executados com geral satisfação e eram explorados

por companhias poderosas e de altos investimentos. As comunicações electromagnéticas estavam sendo efetuadas entre navios e entre êstes e estações terrestres com absoluta regularidade.

O sinal de partida para a verdadeira revolução nos meios de comunicação social foi dado por GUI. HERME MARCONI, em 1896, ao demonstrar a possibilidade de ser enviado um sinal electromagnético através do espaço, o que lhe valeu, em 1909, o Prêmio Nobel de Física.

Os meios de comunicação daí por diante se agigantaram de maneira impressionante, iniciando-se com o telégrafo e culminando com a televisão e as comunicações espaciais.

A universalidade proporcionada pela radiodifusão só se tornou real, entretanto, com o advento das ondas curtas. O sonho milenar do homem tornou-se realidade. Deixou de existir a limitação nos transportes da inteligência a qualquer parte do mundo, salvo a que é imposta pelas condições da natureza, em permanente desafio. O mundo tornou-se um todo e a humanidade passou a conhecer-se, estabelecendo a verdadeira comunhão universal. Desapareceram as distâncias inatingíveis e povos desconhecidos de outros povos. As mensagens passaram a cruzar os espaços infinitos e os acontecimentos difundidos no instante mesmo da ocorrência, em comovente instantaneidade. Os meios de comunicação ampliaram-se, diversificaram-se e continuam em constante aperfeiçoamento. O homem conseguiu dominar o espaço até então misterioso e inacessível, aproximando-se cada vez mais de Deus. Aí estão as realizações com os satélites artificiais demonstrando a força do engenho humano e sua vitória sobre a hostilidade do meio natural.

A radiodifusão incorporou-se à vida do homem d'êste século como necessidade intransigível, principalmente porque permite a informação da qual a humanidade vive sedenta. Ao som, à palavra e ao ruído a que estava circunscrita a radiodifusão, como o som e o gesto ao homem primitivo, foi acrescentada a imagem fixa ou em movimento, ainda limitada em sua propagação à distância, mas com reais possibilidades de atingir o ilimitado, como sentimos

com a aplicação dos satélites de comunicação e outros meios que permitam a televisão universal e instantânea. E então, na intimidade dos nossos lares, teremos o mundo ao nosso alcance com o simples girar de um botão de controle, através do som e da imagem.

Mas, é preciso que estejamos preparados para ser dignos dessa conquista. O que se observa é que, diante do progresso extraordinário do século, notadamente depois do primeiro grande conflito mundial, a humanidade quedou-se perplexa. Perplexidade atônita, perplexidade que a impede de encontrar os caminhos que a conduzirão à paz, à tranquilidade, à existência feliz. Perplexidade de que os cientistas não se apercebem, porque estão ocupados em seus laboratórios na luta contra os desafios. Ao contrário, contribuem para o seu aumento, tão depressa deixam seus refúgios para presidirem a contagem regressiva que colocará em órbita um novo satélite. Depois, retornam aos laboratórios, às indagações que um dia resultarão na descida à Lua, em Marte, seja onde for além deste pobre mundo que continuará sem resolver seus problemas sociais, construindo ridículos muros para dividir uma cidade, ocupado com uma luta de idéias que se limita a dois adversários, ambos desejando afirmar que é o detentor da verdade. A ciência, que se ocupa, mais do que nunca, da solução dos problemas materiais, abandona as pesquisas sociais e deixa a humanidade entregue à sua perplexidade, que somente a luz da sapiência poderia substituir, levando o homem à retomada da marcha em busca de horizontes definidos. (. . .)

II — COMPLEXIDADE DA COMUNICAÇÃO *

ENTENDEMOS por comunicação coletiva o processo de transmissão de idéias, informações ou atitudes, por instituição ou pessoas institucionalizadas especializadas, utilizando diferentes instrumentos e técnicas para atingir públicos grandes, heterogêneos e dispersos.

* Da autoria do Sr. LUIS BELTRÃO, professor de Técnica de Jornal e diretor do Instituto de Ciências da Informação (Recife, PE).

Em decorrência desse conceito, são características da comunicação coletiva: *a)* ser pública — não se dirigindo a uma pessoa em particular, mas a quantos lhe desejam prestar atenção; *b)* rápida — capaz de chegar em tempo relativamente curto e até simultaneamente com a sua transmissão aos receptores; *c)* transitória — pois destinada a um aproveitamento imediato; *d)* colegiada — desde que não parte de um único indivíduo como tal, mas de uma organização (ou pessoa institucionalizada, como bem o distingue SCHRAMM), que a recolhe, codifica e transmite; *e)* indireta — registrando-se através de uma distância de espaço-tempo entre as partes do processo (MALETZKE); *f)* unilateral — no sentido de que as partes estão unidas somente através de um meio técnico e este está construído de tal forma que as mensagens trafegam em uma só direção.

Quanto às técnicas e instrumentos (canais) de que se vale a comunidade coletiva para emitir suas mensagens, distinguimos: *a)* sons e palavras orais e escritas (em percussão, a viva voz, pelo rádio, manuscritas, impressas, insculpidas ou gravadas em jornais, livros, revistas, cartazes, murais, discos, *slides*, cintas eletrônicas, partituras e instrumentos musicais; *b)* gestos e imagens (mímica, representações teatrais — “a imagem próxima”, conforme BENEYTO —, ilustrações por desenhos e fotografias, gráficos, cinema, televisão, artes plásticas; e *c)* atos de presença (BENEYTO), que são reuniões, os chamados atos públicos, tráfico, publicidade, relações públicas, turismo, a que acrescentamos certas manifestações folclóricas, de conteúdo eminentemente comunicativo.

Todos esses recursos são empregados pelo órgão comunicador para afetar os receptores, exercitando pelo menos as seguintes funções: 1. informativa (notícia e interpretação de fatos); 2. opinativa (exposição e discussão de temas e problemas com finalidade de orientar e reforçar (KAPPER) o consenso para a ação social); 3. recreativa (promoção de meios de entretenimento, de preenchimento dos ócios do indivíduo, de escapismo às pressões do cotidiano); 4. educativa (formação e aperfeiçoamento intelectual dos indivíduos e comunidades); 5. econômica (publicidade em tórno

do produto do trabalho humano, visando ao desenvolvimento, progresso, melhores condições e menos esforço para a vida dos indivíduos, permitindo-lhes dedicar mais tempo ao espírito); 6. política (propaganda em torno das idéias e atividades que visam a mais perfeita organização e funcionamento da vida social para obtenção do bem comum (...))

III — O PROBLEMA DA LIBERDADE E RESPONSABILIDADE *

a) No jornalismo

OS MEIOS de informações — imprensa, rádio, cinema, televisão — formam parte ativa de toda atividade humana. Nada de interesse coletivo atravessa o limite desses veículos do conhecimento. Acaso poderia concretizar-se esta afirmação no sentido de que não é possível que um acontecimento de significação histórica possa ocultar-se. A mecânica da vida social, em suas formas políticas, econômicas e culturais, requer, antes de tudo, a mais plena e eficiente difusão dos fatos para alcançar uma resposta coletiva capaz de fazê-los compreensíveis, perduráveis e conseguir os resultados previstos. A multidão deve ser informada para superar os conflitos derivados do desconhecimento, a mais trágica forma da solidão.

Os meios de informação são o nexo entre o fato e o homem; entre o acontecer e o conhecimento. Cumprem uma função formativa e educativa cuja transcendência social poderia não haver sido ainda suficientemente valorizada. Todos querem servir-se e dispor dos meios de informação; todos querem utilizá-los para seus fins políticos próprios e para seus objetivos comerciais. A influência dos meios de informação é tal que não somente põem em contacto entre si os seres, ao participar-lhes assuntos para os quais há um interesse comum, senão que operam como um condicionante do futuro.

* Da autoria do Sr. JORGE FERNANDES, diretor do Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina.

Diz-se que um jornal tem vida física fugaz. E é verdade. Sua existência alcança somente a uma média de meia hora em mãos do leitor. Esses breves minutos, porém, repetem o milagre da luz e deixam um rasto vivo e profundo. Têm levado à inteligência dados e noções que contribuem ao acêrvo dos conhecimentos, a romper a solidão, ao dar conta ao homem do acontecer humano, ao levar-lhe o calor da vida de outros nos mundos da política, das idéias, do amor ou do ódio. (. . .)

b) Nos meios audiovisuais *

NINGUÉM desconhece que a radiodifusão, pelo seu poder de penetração, oferecendo imediatamente um panorama do que ocorre em nossa intimidade, impõe aos que a ela se dedicam pesadas responsabilidades. Podemos fazer uma radiodifusão ágil, popular, com música e entretenimento, intercalando os programas com noticiosos atuais e palpitantes, entrevistas, comentários ou crônicas da vida que ocorre: podemos alargar os horizontes culturais dos ouvintes, oferecendo-lhes o que há de maior relevância no mundo do conhecimento. O que devemos evitar, no entanto, é que a radiodifusão se transforme numa fonte de divulgação de idéias extremas, exercendo sobre o nosso próprio trabalho uma vigilância constante, cuidadosa, indormida. Para tanto, precisamos estar preparados; para tanto, precisamos preparar as novas gerações, contribuindo com as nossas experiências para que o seu futuro não seja desvirtuado. É a tarefa que cabe às escolas de jornalismo e, particularmente, aos detentores de cadeiras de radiojornalismo ou, como são imprópriamente intituladas e organizadas, de técnica de rádio e de televisão. Será no trabalho das universidades que repousará a tranquilidade do futuro. Os meios de informação do mundo moderno estão a exigir especialização cada vez mais acentuada. Passamos da radiodifusão sonora à televisão num abrir e fechar de olhos. Tão rapidamente quanto passamos do jornal impresso ao jornal falado e dêste ao radiojornalismo em sua mais realística forma de execução e de padrões.

* Do professor SAINT-CLAIR LOPES.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos diz claramente que toda pessoa tem o direito a liberdade de opinião e acrescenta que esse direito inclui o de investigar e receber informações e opiniões e o de difundi-las, sem limitação de fronteiras, por qualquer meio de expressão. Mas, isto depende de muitos requisitos. Esse direito não pode ser exercido tão-somente porque está consagrado no texto da Declaração Universal. Precisamos estar preparados, de um lado, para difundir a informação e, do outro, para recebê-la. É para isto há necessidade de adquirir conhecimento bastante que nos habilite a avaliar a informação no que tem de substancial e de sentir em que medida ela pode influenciar a opinião pública no sentido do bem comum. Há que recorrer, então, à formação universitária. Somente homens preparados poderão enfrentar as indagações do mundo em perplexidade e a elas responder. Há dificuldades a superar. Desde que se tenha em conta que precisamos, antes de tudo, preservar no mundo do futuro as nossas tradições, as exigências da nossa índole e, sobretudo, a nossa consciência de povos da comunidade latino-americana, deveríamos, ainda que haja grande dificuldade para a consecução desse ideal, realizar o velho sonho de intercâmbio entre todas as nações do Continente. É um ideal antigo; desde que a radiodifusão se afirmou como poderoso veículo de informação que as conferências regionais aprovam medidas para a realização desse objetivo, e elas jamais são efetivadas. Temos que sentir a realidade dos problemas comuns a regiões insuficientemente desenvolvidas. (...)

Um programa de radiodifusão, seja musical, seja teatral, seja jornalístico, enfim, qualquer que seja, encerra sempre uma mensagem. Dentro do estúdio onde se realiza, processa-se uma ação social de consequências imprevisíveis. O público recebe as mensagens e as entende segundo seu grau de cultura, de discernimento e até mesmo conforme seu estado de espírito no momento da recepção. Aquêles que têm a missão de escrever para a radiodifusão vivem permanentemente sob a pressão dessa grave responsabilidade. Além dos conhecimentos que deles se exige, de cultura e de vivência, num sentido geral, têm de possuir um alto espírito de huma-

nidade. Não escrevem, apenas, para os ouvidos dos radiouvintes ou para os ouvidos e os olhos dos telespectadores. Falam à alma de cada um, dirigindo-se à alma coletiva. Cada um de nós, ao receber as mensagens da radiodifusão sonora ou da televisão em nosso lar, na quietude da nossa sala-de-estar, tem a impressão de que elas são dirigidas a nós, sòmente a nós, particularmente a nós. Instintivamente passamos a dialogar com quem nos transmite a informação, com quem se comunica conosco tão intimamente. Passadas as primeiras impressões, percebemos que não estamos sós, que há mais alguém que, como nós, recebeu a comunicação, dialogou com o jornalista e que deseja dialogar, já agora, com aquêles que também foram parte na informação. E a notícia transcende, então, a nossa sala-de-estar; toma corpo, adquire mais calor e se espalha pelas ruas, pelos escritórios, pelas fábricas, pelas lojas, pelos auditórios.

O grande diálogo é estabelecido por todos os que ouviram e receberam a informação. E quem a recebeu? Um público indiscriminado, que vai desde o Presidente da República ao mais humilde dos cidadãos; todos receberam a notícia no mesmo instante, julgaram-se os seus destinatários específicos, igualaram-se na comunicação. Nada mais realisticamente democrático, nada mais igualitário. A radiodifusão, assim, confirma a democracia. Não desperdicemos essa grande dádiva do milagre. Empenhemo-nos na grande obra do amanhã. (. . .)

IV — CONCLUSÃO *

A GRANDE batalha ideológica e política que se trava no mundo contemporâneo despreza as tradicionais armas bélicas. Muitas vèzes, pelo seu imenso poder de destruição, pela impossibilidade de seu contròle por quem quer que as use, ficam eliminadas por consenso geral, mesmo entre os mais encarniçados adversários. Restam como decisivas as armas da construção: a palavra, a escrita e a imagem. Pois foi com elas que PLATÃO e ARISTÓTELES, PRAXISTELES e

* Do Professor LUÍS BELTRÃO.

FÍDIAS, HOMERO e HESÍODO ergueram para todo o sempre a pátria eterna da filosofia, da ciência e da arte na Grécia. E com elas, tão desprezadas pelos imperadores e procônsules, que CÍCERO, VIRGÍLIO e JUSTINIANO estabeleceram na península itálica o império da oratória, da poesia e da justiça para todos os séculos. Quando o Verbo se fez carne e habitou entre nós, não se revestiu da armadura dos guerreiros, nem empunhou o gládio de ferro. Contando com legiões de anjos, que poderiam estabelecer pela força o domínio da Verdade, preferiu a Palavra, e com ela, vencendo a morte, legou a Vida a todos os homens. Os mártires, os apóstolos e os confessores não empregaram outros meios para a conquista do mundo e sempre que, em nome do CRISTO, alguém ousou adotar outros meios e técnicas, a destruição e a derrota mostraram o seu erro e o seu crime.

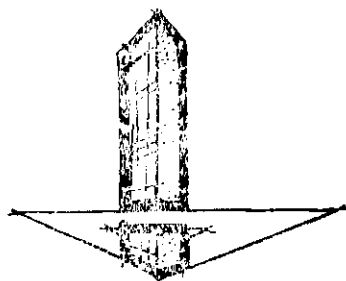
O homem dos nossos dias sabe que são frágeis e pobres as obras de suas mãos. Os impérios que os ALEXANDRE, os CÉSAR, os ÁTILA e os NAPOLEÃO sonharam e construíram a fogo e sangue restaram cobertos pela poeira dos séculos. Mas os monumentos erguidos por DANTE, por GALILEU, por TOMÁS DE AQUINO, por KANT, por FREUD, por MARX — por todos os homens e mulheres que se recusaram a utilizar outro recurso que não os da razão e do cérebro — continuam de pé, desafiando a inteligência e inspirando os sentimentos humanos em sua marcha para diante.

O grande tema, hoje, após a terrível experiência da Segunda Guerra Mundial — o grande tema militar em todos os países não é mais a maior ou menor eficiência de determinados engenhos mecânicos. DE GAULLE não mais se preocupa com tanques e nem sequer dá maior importância às armas nucleares. Antes, realiza um *tour* pelo estrangeiro, êle, o guerreiro que não desanimou na hora mais dramática, falando a todos os povos novos e ardorosos da América da necessidade urgente, inadiável, imprescindível de maior compreensão, de uma colaboração pacífica para garantia do futuro.

O grande tema militar dos nossos dias chama-se — guerra psicológica. Ou, em outros termos, guerra de conven-

cimento, de persuasão, de propaganda. Guerra de idéias que se confrontam na ânsia de obter adeptos, de efetivar mudanças. Vencerá, não aquele que possui a verdade, mas aquele que souber dizer que possui a verdade, o que souber transmitir aos outros, com mais precisão, a mensagem da Verdade. (...)

JOÃO FORTES
ENGENHARIA SA



CONSTRUÇÕES * INCORPORAÇÕES * ADMINISTRAÇÕES
RUA MEXICO 21 GRUPO 202 TELS. 2222 15 - 323929